

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

SERVIÇOS DE SAÚDE NA ÉPOCA MODERNA: O PAPEL DA COMPANHIA DE JESUS NA CIRCULAÇÃO DO CONHECIMENTO¹.

Viviane Machado Caminha
Escola Superior de Guerra
(vivianecaminha@gmail.com)

Com uma atuação marcada para além da prática missionária, a Companhia de Jesus se destacou pelos serviços de saúde, sobretudo aquele ligado ao ofício boticário e relacionado ao conhecimento de propriedades curativas de plantas. Como resultado confeccionaram, ao longo do tempo, cadernos manuscritos promovendo a circulação de conhecimento por meio da pena de Manuel da Nóbrega (1517-1570), José de Anchieta (1534-1597), Fernão Cardim (1549-1625) e Francisco Soares (1548-1617) no século XVI, Jácome Monteiro (1574-1629) no século XVII e João Daniel (1722-1776) no século XVIII.

Além desses cadernos, os jesuítas foram responsáveis pela produção de receituários de medicamentos. Em 1710, a obra *Libro primero de la propiedad y birtudes de los arboles, plantas de las misiones y provincias de Tucuman, com algunas del Brasil e del Oriente*, de Pedro de Montenegro, atuante na província do Paraguai, trouxe em 184 páginas informações sobre a propriedade e as virtudes das árvores e plantas menores, com estampas e informações sobre várias espécies, seguida de ervas e raízes comestíveis, apresentando diversas tabelas e avisos². O *Libro primero* foi publicado em versão impressa, em Buenos Aires no ano de 1945, sob o título de *Materia medica missioneira*, reunindo num total de 458 páginas com 148 desenhos de plantas onde apareceram pormenorizadas as propriedades terapêuticas da flora local, além de um receituário.

¹ Esse texto é uma versão resumida do capítulo intitulado “*Jesuítas Boticários: produção e circulação de conhecimento no Brasil colonial*”, integrante da obra “Uma história brasileira das doenças, v. 10”, que será publicada pela Ed.UFES, em 2021. Também se constitui um recorte da tese “Medicamentos jesuítas: representações da escrita científica através da Coleção de Varias Receitas - 1766, defendida em 2017, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, pelo Programa de Pós-Graduação em História das Ciências, das Técnicas e Epistemologia – HCTE.

² O referido documento possui como local de guarda a Biblioteca Nacional de Madri. Contudo, hoje é possível consultá-lo, em versão digital, na Biblioteca Virtual del Paraguay – BVP no endereço http://www.portalguarani.com/.../15163_materia_medica_misionera_pedro_de_montenegro_.html. Acesso em 21/01/2021.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Em 1720, Affonso da Costa, atuante na província de Goa, produziu a obra intitulada *Árvore da vida dilatada em vistosos e salutíferos ramos ornados de muitas, aprazíveis e saudáveis folhas em que se deixam ver muitos e singulares remédios assim simples como compostos que a Arte, a experiência, a industria e a curiosidade descubrio para curar com facilidade quase todas as doenças, e queixas, a que o corpo humano esta sojeito principalmente em terras destuídas de Médicos e Boticas*³. O nome do receituário foi dado em função da organização em formato de árvore, estando as receitas reunidas em ramos representados pelas letras do alfabeto. A difusão do conhecimento sobre enfermidades e medicamentos apareceu pela minuciosa descrição dos sintomas das doenças, ressaltando, em alguns casos, aspectos como textura, cor e odor. Bem como na apresentação das receitas, onde havia além dos ingredientes necessários, o modo de preparo, a posologia e apresentação da fórmula, além da indicação de pesos e medidas da mesma, seja em libras e onças ou em medida vulgar como “um pouco, duas ou três mãos cheias” (MAIA, 2012, p. 52)

A terceira obra foi a coletânea de 688 páginas, intitulada *Colecção de varias receitas e segredos particulares da nossa Companhia de Portugal, da Índia, de Macau e do Brasil. Compostas e experimentadas pelos melhores médicos e boticários mais celebres que tem havido nestas Partes. Aumentada com alguns índices e notícias muito curiosas e necessárias para a boa direção e acerto contra as enfermidades*, de 1766 e autor desconhecido⁴. Serafim Leite (1953, p. 87) destacou que o organizador da obra teria “passado por diversas missões ultramarinas, inclusive o Brasil”, sobretudo, pelo fato de o documento ser todo escrito em português e por reunir receitas de medicamentos produzidos nas boticas pertencentes aos domínios portugueses, com exceção de uma receita ligada ao Colégio Romano.

O documento reuniu um total de 260 receitas de medicamentos e, até onde se especula, havia a intenção de ser publicado, uma vez que havia todas as licenças

³ A obra pertence ao acervo do *Wellcome Institute for the History of Medicine*, Londres, e não está disponível na íntegra.

⁴ A referida obra se encontra depositada no ARSI – Arquivo Geral da Companhia de Jesus, em Roma, pertencente ao fundo *Opera Nostrorum*.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

necessárias para esse trâmite em Roma, embora isso nunca tenha acontecido. Tal fato, fez com que estudiosos levantassem hipóteses, principalmente, no sentido da lucratividade que o comércio desses medicamentos garantiu para a Ordem, tendo em vista que muitos ali reunidos faziam parte do rol dos remédios de segredo, aqueles que possuíam fórmulas secretas conferindo poder e prestígio aos detentores. Importa destacar que a questão do lucro não revela nenhum descompasso, ou mesmo contradição, em relação aos preceitos religiosos, uma vez que “desejar bens materiais não era uma atitude nociva, desde que o fim último fosse revertido para a Instituição e dela para o louvor a Deus” (ASSUNÇÃO, 2009, p. 258).

O contexto, interno e externo, de produção desse compêndio se constitui em fator de explicação. Cabe destacar que a Companhia de Jesus passava, desde o governo pombalino, por medidas restritivas que culminaram com a operação de desmonte da Ordem no Reino em 1759. Tendo em vista esse cenário de incerteza quanto ao futuro, é crível crer que o contexto interno vivenciado pela Companhia tenha desempenhado papel fundamental na elaboração da *Colecção de varias receitas* (1766), guardando relação direta com uma tentativa de preservação da memória da instituição, ao reunir receitas de medicamentos produzidos nas diversas boticas da Companhia.

Externamente, o contexto científico do século XVIII, Colecionismo, permitiu compreender a iniciativa da produção dessa obra. Nesse cenário, “coleções de *naturalia*, de animais, plantas e minerais, multiplicaram-se pela Europa, cada uma constituindo uma enciclopédia da natureza, de conhecimentos que não dependiam da Igreja” (BLOM, 2003, p. 36). A organização desses espaços pressupunha a tentativa de reproduzir em uma escala micro “o universo inteiro que se pode ver de um só golpe, o universo reduzido, por assim dizer, a dimensão dos olhos” (POMIAN *apud* RAFFINI, 1993, p. 160). Bom exemplo desse cenário fornecem as coleções principescas e científicas de *naturalia* do Colégio Romano da Companhia de Jesus. Lorelai Kury e Carlos Camenietzki (1997) analisaram parte das coleções dos jesuítas, centrando-se no exame do *Museu Kircheriano*, 1651. Coube ao padre Athanasius Kircher (1601-1680), filósofo natural da Ordem, cuidar dos objetos, organizando-os e acrescentando “peças inventadas e elaboradas pelo próprio curador – instrumentos científicos, matemáticos, etc” (KURY; CAMENIETZKI, 1997, p. 72).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

O colecionismo moderno, portanto, caracterizou-se como lento processo de maturação “em que se encontram confundidos elementos típicos da atitude medieval, que valoriza especificamente o uso dos objetos, e elementos próprios aos dois primeiros séculos da Idade Moderna, quando os objetos são testemunhos do mundo” (*Ibidem*, p. 69). A busca pela utilidade se configurou em uma das dimensões das ciências durante o século XVIII, sendo, portanto, nesse período bastante comum a proliferação de coleções de plantas e animais, conhecidas como Jardins Botânicos e Zoológicos e também dos Museus ou Gabinetes de História Natural⁵. Dessa forma, as coleções acumularam progressivamente a função de instrumentos de exploração e conservação do conhecimento científico. Esta última faceta explicou a produção da *Colecção de varias receitas* dos jesuítas, na medida em que representou um exemplo de escrita científica com sentido de permanência no tempo de um conhecimento capaz de superar a finitude da Ordem. A partir disso, percebeu-se a influência significativa dos fatores internos, ameaça de dissolução, e externos, contexto de produção científica, vivenciados pela Companhia de Jesus em fins do XVIII para a escrita do receituário.

Em uma perspectiva geral, analisando o conhecimento científico dos jesuítas no que diz respeito ao saber médico farmacológico presente na obra, a *Colecção de varias receitas*, apesar de não possuir divisões ou subdivisões oficiais, apresentou a seguinte estrutura: 1 receita de medicamento da botica do Colégio Romano, 15 receitas de boticas jesuítas em Portugal (Évora e Lisboa - Santo Antão e São Roque), 36 receitas do Oriente (Macau e Goa), 48 receitas das boticas jesuítas da América portuguesa (Bahia, Recife e Rio de Janeiro), 46 receitas de irmãos boticários atuantes no Brasil (André da Costa, Francisco Silva, Manuel Diniz e Manuel de Carvalho), 33 receitas de autores médicos/farmacêuticos leigos (João Curvo Semedo, João Cardoso de Miranda, Jacob de Castro Sarmiento entre outros), 72 receitas sem a indicação do autor e finalmente 09 receitas em que constavam, simultaneamente, o nome do irmão boticário que produziu a fórmula e a botica de origem.

⁵ Cabe destacar que a passagem para o século XIX completou o longo processo de autonomização da História Natural, inaugurando as Ciências Naturais compartmentadas em diferentes especificidades. Ver Kury; Camenietzki (1997).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A obra foi organizada seguindo a ordem alfabética, ou o princípio do dicionário, em detrimento da organização por temas, tendo em vista que ao longo do século XVII a classificação do conhecimento segundo a ordem alfabética se tornou progressivamente comum uma vez que facilitava a consulta do leitor ávido por respostas, poupando tempo pela objetividade que oferecia. Sobre os medicamentos produzidos, vale sinalizar que muitos se destacavam pela adjetivação e propaganda do efeito sobre a enfermidade como é possível notar no *Bálsamo Apopletico Optimo para Mulheres*, *Quintilio Optimo*, *Rosa Solis Optima*, *Solimão Optimo*, *Tartaro Emetico Optimo* e *Triaga Optima da Botica do Collegio Romano*. Ainda no que toca a descrição da obra merece destaque não apenas a organização segundo a lógica dos verbetes do dicionário, o que direcionava de modo objetivo a consulta, mas também o *design* da mesma. Ao lado de cada letra havia desenhada a imagem de um animal, flores, frutos ou seres mitológicos. Dessa forma, por exemplo, uma águia apareceu representada ao lado da letra A, uma doninha ao lado do D, uma fuinha, flores e figos ao lado da letra F, a figura de um Hércules menino ao lado do H.

A organização das receitas obedeceu a um padrão uniforme. Após o título com o nome do medicamento apareceu o nome do Colégio, botica ou autor que a produziu, acompanhado dos ingredientes necessários ao preparo e a indicação das quantidades, pesos e símbolos⁶. Na sequência do modo de preparo vinha a indicação para o uso do medicamento e as virtudes que, algumas vezes, apareceu acompanhada de uma dieta alimentar a ser seguida. A partir disso, a *Colecção de varias receitas* permitiu identificar as moléstias mais frequentes que assolavam o cotidiano, bem como as formas de tratamento desenvolvidas. Para o caso da América portuguesa, as fórmulas dos medicamentos se destinavam a terapêutica das doenças de pele, anemia e sífilis e incorporavam elementos de origem natural, animal e química. Entrementes, as boticas dos jesuítas produziram medicamentos de efeitos variados⁷, sendo estes:

⁶ A unidade de medida básica era a libra decimal de 12 onças, sendo 1 onça equivalente a 28,6848 gramas.

⁷ Da variedade dos remédios aqueles de qualidade mais comum em diversas receitas foram os que se destinaram a combater a hidropsia (edemas generalizados ligados a distúrbios na circulação de sangue), apoplexia (fluxo de sangue no interior de um órgão – hemorragia), gota (elevação de ácido úrico no sangue, o que provoca surtos de artrite aguda), sendo também de efeito emético (provoca vômito), dioforético (transpiração abundante), purgante (limpa/esvazia os intestinos) e vesicatório (formação de bolhas quando aplicado na pele).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

eméticos ou vomitórios 7; purgantes 6; para febres e sezonismo 4; para enfermidades das senhoras 4; para chagas e feridas 3; para vermes intestinais 3; para tumores duros 3; para apoplexias 3; para paralisia 2; para histerismo 2; para lobinhos, verrugas e cancos (não malignos) 2; para doenças dos olhos 2; para dores de cabeça 2; e um específico para cada uma das seguintes enfermidades: do peito, coração, estômago, cólicas, disenterias, varíola (remédio que se apresenta não como eficaz em todos os casos, mas útil), reumatismo, gota, hidropisia, epilepsia, escorbuto, insônia e mordeduras de cobras (LEITE, 1956, p. 13).

A análise da obra evidenciou o conhecimento e interação dos inicianos com vasta gama de concepções médico farmacológicas do período Moderno. Interpretações e visões sobre a enfermidade muitas vezes conflitantes como as de cunho hipocrático galênico herdadas do mundo antigo e as de inspiração paracelcista, passando pela iatroquímica e a homeopatia foram largamente encontradas.

Um dos dados mais significativos revelados da análise das receitas da *Colecção* diz respeito aos medicamentos produzidos em diferentes boticas ligadas aos domínios de Portugal, pois que lançou luz sobre a poderosa rede de comunicação, circulação e intercâmbio de conhecimento mantida pela Companhia de Jesus. Medicamentos como o *Balsamo Apopletico*, o *Emplastro admiravel para a Espinhella*, a *Massa para Cezoens* e a *Agoa Otalmica Romana* foram simultaneamente manipuladas nas boticas dos colégios jesuítas da América portuguesa, Portugal e Oriente, com os mesmos ingredientes e pouquíssima diferença no modo de preparo.

O *Balsamo Apopletico* era produzido nas boticas da Bahia, Macau e São Roque, sendo indicado para a “todo tipo de apoplexia, [além de] rebate vertigens, conforta o cérebro, resiste aos ares corruptos e preserva da peste”, devendo ser inalado ou ingerido “pela boca para excitar o acto venereo” (COLECÇÃO DE VARIAS RECEITAS, 1766, p. 66). A já mencionada *Copaíba*, (*Copaifera langsdorffii*) também conhecida como *Bálsamo do Brasil* ou *dos jesuítas* apareceu como o ingrediente comum dessa receita, ponto que permitiu vislumbrar a dimensão alcançada pelo intercâmbio botânico entre a partir da rede de boticas.

Medicamento de efeito admirável, conforme sugerido pelo nome e produzido nas boticas dos colégios da Bahia e São Roque, o *Emplastro admiravel para a Espinhella*, era indicado para “qualquer fraqueza da boca do estomago, e para a espinhella, aplicada

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

em couro de luva no lugar da dita espinhella por 15 dias, ou até se desfazer” (*Ibidem*, p. 120)⁸. Dentre seus ingredientes em comum havia a *almacega do Brasil* (*Protium hpaphyllum*), acompanhada da advertência de que deveria estar em consistência pura e limpa.

Outro medicamento produzido em boticas diferentes, mas com ingrediente comum da América foi a *Massa para Cezoens* oriunda das boticas dos Colégios do Rio de Janeiro, Macau e Santo Antão. Remédio indicado, nas boticas do Rio de Janeiro e Macau, para “toda a casta de febres, que vem com frio, tomase pela manhã, e à tarde, ou em massa, ou desfeita em meia oitava de agoa de chicoria, ou almeirão na dose de [ilegível]” (*Ibidem*, p. 215). E, pela botica do Colégio de Santo Antão para:

terçans e quartans. A cura he toda a quantidade dita; tomara o doente todos os dias pela manhã em jejum hua porção athe se acabarem, mas no dia da vazão tomara taobem hua da porção depois da vazão: podese taobem tomar feita em pirola (*Idem*).

A receita utilizou a *quina* (*Cinchona officinalis*), comumente denominado *pó dos jesuítas*, *pozes de farango ou querango*, em consistência de pó sutil, facilmente encontrada em áreas montanhosas da América central, como Bolívia, Costa Rica e Peru, mas também na África e Sudeste Asiático, que exportada pelos jesuítas para o Velho Mundo se constituiu em ingrediente para diversas receitas⁹. Desta planta era extraída a *quinina*, utilizada no combate a males como febre, indigestão, doenças da boca e da garganta, tratamento da malária e câncer por sua propriedade febrífuga, antimalárica, tonificante, adstringente e cicatrizante, sendo, portanto, capaz de estimular as funções intestinais, gástricas e hepáticas¹⁰.

⁸ *Espinhela caída* era o nome dado na Bahia a doença que tem como característica forte dor na boca do estômago, nas costas e pernas, acompanhada de cansaço anormal, quando o indivíduo é submetido a esforço físico. Em Pernambuco é conhecida como *Peito aberto* ou *Arca caída*.

⁹ *Quina*: Planta da família das Rubiáceas, também conhecida como *chichona vermelha*, *casca peruana* e *casca dos jesuítas*. Na porção espanhola da América a *quina* também era conhecida pela seguinte nomenclatura: *quinaquina*, *kin- kina*, *corteza peruviana*, *loja*, *chinachina*, *ó china- canna*, *corteza febril*, *genciana índica*, *antiquartanario peruviano* y *palo de calenturas*. Na verdade, *quina* é a casca que cobre o tronco e as ramificações dessa árvore. Existem várias espécies da família da Rubiáceas, tais espécies são ricas em quinino, indicado no tratamento da malária. Ver <http://www.plantasquecuram.com.br/ervas/quina.html#.WW5rcYjys2w>. Acesso em 22/01/2021.

¹⁰ Quinina: É um alcalóide de gosto amargo que tem funções antitérmica, antimalárica e analgésica, e fórmula química C₂₀H₂₄N₂O₂

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Finalmente, a *Agoa Othalmica Romana* apareceu na *Colecção* como outro medicamento que se destacou por ser receita preparada nas boticas dos colégios do Recife e Macau, onde apareceu apenas com a denominação *Agoa Othalmica*. Este remédio servia para “qualquer bellida [ferida] ou inflamação dos olhos”, devendo ser utilizado como colírio várias vezes ao dia (*Ibidem*, p. 22). Na receita da botica do Colégio do Recife havia ainda a advertência que, após dissolver em almofariz o *quintilio*¹¹ em pó, *alcanfor*¹² e o *crystal mineral* com as diversas águas, (*rozada, de funcho (Foeniculum vulgare Mill.)*, *de eufazema (Lavandula eufinallis)* e *de celidonio (Chelidonium majus L.)*, era necessário depositar o preparado no sol por um período de 20 dias, sacolejando o frasco duas vezes ao dia para que finalmente pudesse ser utilizado.

A circulação das plantas acima mencionadas, *copaíba*, *almácega* e *quina* da América e *alfazema*, originária do sudeste asiático, revelou o alcance da rede de intercâmbio botânico inaciana, cada vez mais fortalecida ao fazer chegar a lugares distantes matéria-prima para fabricação de medicamentos, que mediante processos de aclimação passavam a ser cultivadas em jardins, quintas e herbários dos colégios jesuítas espalhados pelo mundo. A expansão dessa rede de circulação de produtos naturais em muito esteve preservada em função dos privilégios alfandegários dos quais a Companhia usufruiu ao longo do tempo. Bom exemplo da duração desses benefícios forneceu o alvará de 4 de maio de 1573, ao determinar que:

os produtos enviados pelos padres da Companhia, residentes nas partes do Brasil para o reino, e pelos senhorios deles, de suas granjearias: criações, rendas ou esmolos não pagassem nas alfândegas, ou casas de despacho, tanto do reino como do Brasil, direitos alguns por saída ou entrada (ASSUNÇÃO, 2009, p. 162).

Além de não pagar pelos artigos que circulavam nas alfândegas ligadas ao Império colonial português, os jesuítas beneficiavam-se muitas vezes do privilégio da importação de certos produtos que circulavam pelos oceanos por meio de rotas marítimas de comércio. Nesse cenário, Bahia/Salvador se configurou na principal ligação entre Lisboa,

¹¹ *Quintilio*: é uma preparação de antimônio em pó.

¹² O alcanfor é extraído da *alcanforeira (Cinnamomum camphora)*, usado sob forma de água ou álcool canforado.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

sul da África e o litoral asiático por meio da Carreira ou Rota da Índia¹³. Essa rota comercial foi responsável pela ligação anual entre Lisboa e Goa, convergindo diversas regiões produtoras do Índico aos mercados europeus e vice-versa. E, ocupando, até a abertura do Canal de Suez, em 1869, o primeiro plano da economia mundial. Sobre o padrão dominante das viagens sabe-se que:

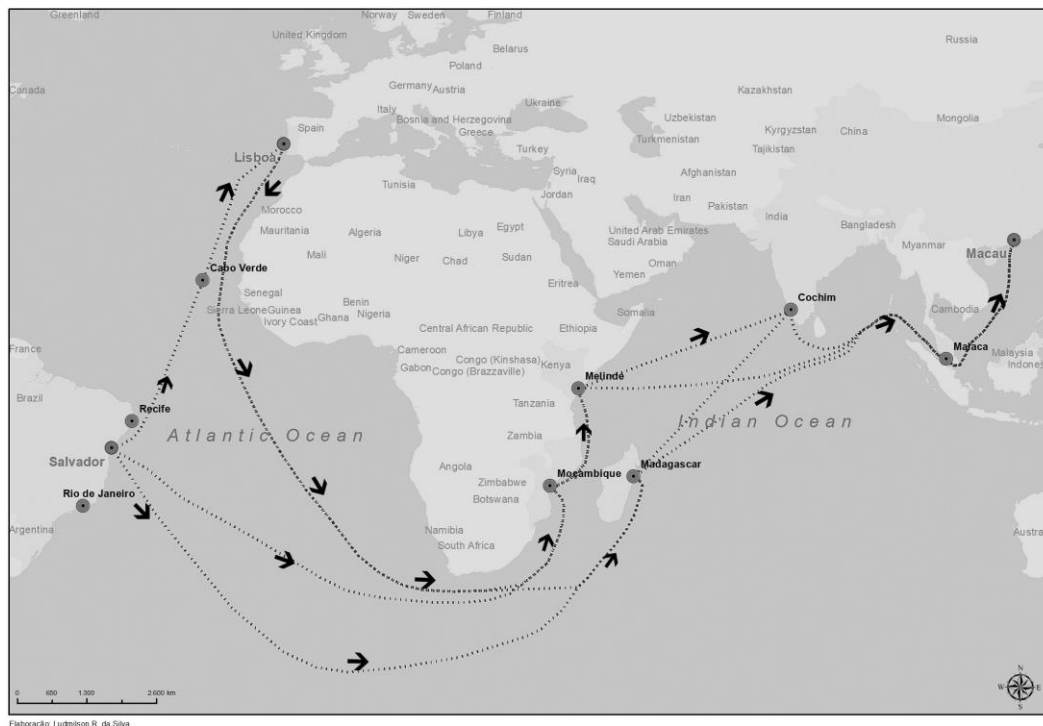
as naus com destino à Índia deviam sair do Tejo nas últimas semanas do Inverno ou no começo da Primavera, ou seja, entre o início de Março e meados de Abril. A partida nesta data era a melhor para se aproveitarem ventos favoráveis no Atlântico e, chegadas as naus ao Índico, beneficiarem da monção de sudoeste para rumarem à costa ocidental da península indostânica, a partir do momento em que completavam a *viagem por dentro* do canal de Moçambique. Em situações normais, as naus ultrapassavam o Cabo da Boa Esperança em Junho, chegando em finais de Agosto ou Setembro a Goa ou Cochim, se tudo corresse sem grandes contratempos. O problema nesta calendarização era que, para conciliar condições de navegação favoráveis no Atlântico e Índico, a passagem do Cabo se fazia em pleno Inverno, durante a época das tempestades mais perigosas (GUINOTE, 2003, p. 05).

Conforme as informações acima arroladas, tornou-se possível projetar os caminhos percorridos pelos produtos naturais utilizados no fabrico de medicamentos nas diferentes boticas espalhadas pelos domínios portugueses. É necessário ressaltar que os produtos originários da América chegavam à Portugal por outras rotas comerciais e de lá embarcavam na Carreira da Índia rumo ao Oriente, conforme as figuras a seguir:

Figura 1 – Rota da Copafba.

¹³ Para mais informações ver LAPA, José Roberto do Amaral. A Bahia e a Carreira da Índia. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968. (Coleção Brasileira, nº 388).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021



Fonte: Mapas Acadêmicos, 2019. Elaborado por Ludmilson R. da Silva.

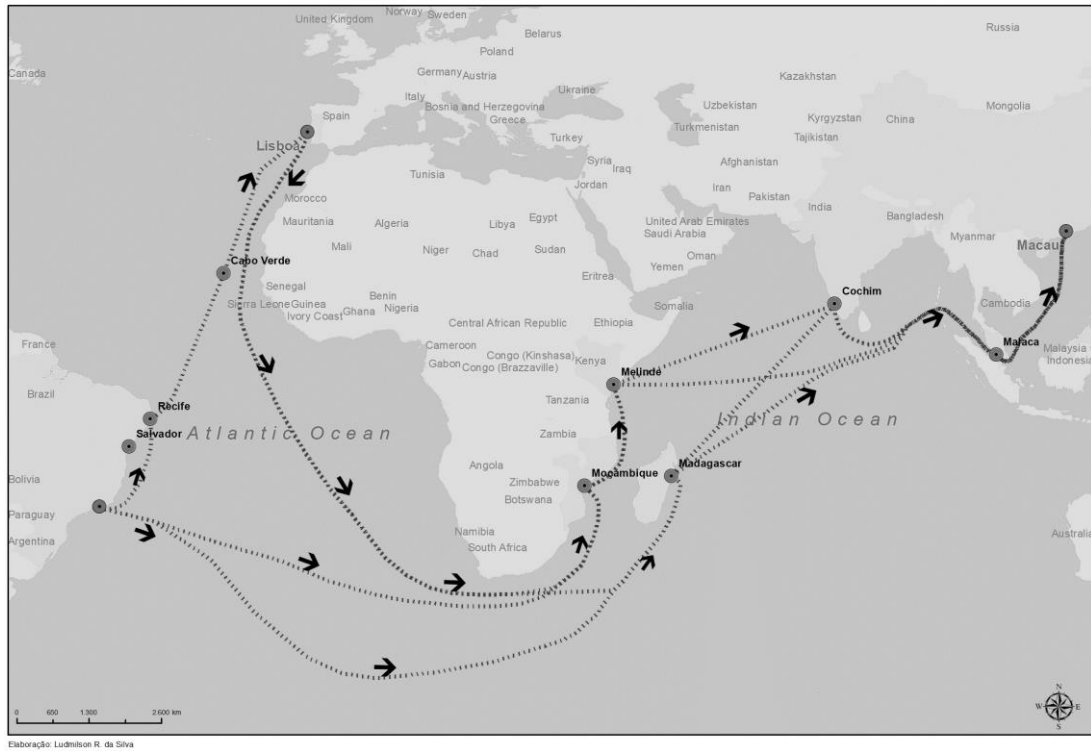
Figura 2 – Rota da Almógar do Brasil.



Fonte: Mapas Acadêmicos, 2019. Elaboração de Ludmilson R. da Silva.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Figura 3 – Rota da Quina.



Fonte: Mapas Acadêmicos, 2019. Elaborado por Ludmilson R. da Silva.

Figura 4 – Rota da Alfazema.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021



Fonte: Mapas Acadêmicos, 2019. Elaborado por Ludmilson R. da Silva.

Além dos produtos já mencionados, elementos dos três reinos foram comuns como ingredientes das receitas como *âmbar*, *almíscar*, de qualidade sudorífica, *ópio* (anfião), *flores* como rosas e papoulas, *olhos de caranguejo* (carbonato de cálcio - CaCO_3), ingrediente de efeito absorvente e consolidante, *cinzas de coruja*, *frutas*, como laranja, *açafrão*, *cravo*, *canela*, *noz moscada*, *sal*, *sebo de cabrito*, *água rosada* e *água de flor*, *sangue de bode*, *dente de javali*, *água ardente* e *sândalos*. Também se utilizou em abundância elementos químicos como *mercúrio* (Hg), *enxofre* (S), também denominado *flor de enxofre*, *chumbo* (Pb), *antimônio* (Sb), conhecido comumente como *chumbo dos filósofos*, *pedra de cervar dos químicos*, *pedra de saturno* ou *saturno dos filósofos*, bem como seus compostos como o *vitriolo calcinado* (H_2SO_4 – ácido sulfúrico diluído) e o *sal de chumbo* ($\text{Pb}(\text{C}_2\text{H}_3\text{O}_2)_2$ – acetato de chumbo).

Os medicamentos descritos na *Colecção de varias receitas* possuíam efeito polivalente, tratando simultaneamente diversas doenças. Mas, aqueles produzidos a base de elementos e compostos químicos serviam para males como cancro, lombrigas, inflamação interna, poluções involuntárias, feridas do peito, doenças venéreas como a sífilis, obstruções, herpes, dermatites, cistos (lobinhos) e pleurites. Dos medicamentos

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

químicos encontrados na *Colecção de varias receitas* encontrou-se um total de 75 fórmulas, número significativo se considerarmos o grau de complexidade necessário para sua elaboração. Deste montante, 33 desses medicamentos foram produzidos nas boticas dos Colégios jesuítas da América portuguesa (Bahia, Recife e Rio de Janeiro).

Os jesuítas não estiveram alheios a aproximação entre a medicina e química ao longo do século XVIII. Na *Colecção* ficou evidente o conhecimento de processos químicos usuais na prática médico farmacológica do período como, por exemplo, a produção de nitrato de prata (AgNO_3), o processo de calcinação do cobre, a utilização de compostos de mercúrio (Hg) no tratamento de doenças dermatológicas e sífilis, dos derivados de arsênio (As) e de antimônio (Sb) no tratamento dos diversos tipos de câncer e lepra. Na produção desses compostos foi bastante comum a inserção de outros elementos químicos como ouro (Au), prata (Ag), cobre (Cu), ferro (Fe), chumbo (Pb) e estanho (Sn) (MAAR, 1999).

No aviamento de remédios compostos, aqueles que em sua elaboração empregavam ingredientes de dois ou mais reinos da natureza, o quantitativo de medicamentos químicos centrou-se em 30% das fórmulas encontradas na *Colecção de varias receitas*. Em sua confecção, os jesuítas utilizavam apenas o princípio ativo isolado da planta ou do animal, sendo esse processo conseguido pelo emprego de técnicas de destilação¹⁴ e calcinação¹⁵. Ponto que confirmou a utilização do princípio ativo de certos ingredientes nas receitas de medicamentos foi a organização na *Colecção* de item em separado dedicado a explicação do significado e da forma de produção de determinados ingredientes intitulado *Memoria muito util de varias noticias e advertencias*. Esta parte veio acompanhada de outras informações disponibilizadas a parte da apresentação e descrição dos medicamentos. Neste item, encontram-se diversas listagens e tipologias de medicamentos como os *Remédios Alterantes, Alexipharmacos ou Contravenenos Comuns, e Simples para o interno, Anti-Selticos ou contra a podridão, Confortativos*

¹⁴ Ação de separar os elementos de fácil evaporação, voláteis, dos elementos que são fixos de uma substância.

¹⁵ Reação química de decomposição térmica. Esse processo consiste em submeter o material em questão a temperaturas elevadas (geralmente abaixo do ponto de fusão), podendo ser necessária a abstenção de ar atmosférico.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

optimos para membros particulares, Contravenenos para casos particulares, Purgantes. Bem como uma variedade de águas como, *agoas quentes, agoas temperadas e agoas frias.*

Além disso, havia descrição sobre o desenvolvimento de certa quantidade de remédios sintéticos como os sais de mercúrio, de antimônio e o sal de Glauber, entre outros. Bem como processos de isolamento e determinação estrutural de substâncias ativas através do estudo de plantas consagradas pelo uso popular, também encontrados em farmacopeias ilustres da época como a *Farmacopéia Lusitana*, 1704, de D. Caetano de Santo Antônio, *Historiologia Médica*, 1733, de Rodrigues de Abreu e *Erário Mineral*, 1735, de Luís Gomes Ferreira.

Pelo exposto, percebe-se que a atividade das boticas jesuítas no aviamento de medicamentos se insere no quadro mais alargado das concepções e práticas médico farmacológicas da Época Moderna. A *Colecção de varias receitas* de 1766, além de elencar considerável quantidade de receitas produzidas pelas boticas jesuítas espalhadas pelos domínios coloniais portugueses, proporcionou compreender que os inicianos constituíram, por meio destas, poderosa rede de comunicação, circulação e intercâmbio de matéria-prima e conhecimento. O abastecimento das boticas com instrumentos e livros de medicina e farmácia, bem como a produção de remédios químicos, considerando o conhecimento necessário de técnicas e processos de fabricação, permitem classificar os jesuítas como agentes pertencentes ao rol da produção científica do período moderno, contribuindo para o desenvolvimento de terapêuticas de cura num cenário em muito distante das inovações tecnológicas da contemporaneidade.

REFERÊNCIAS:

ANCHIETA, José de. Carta do Ir. José de Anchieta ao P. Diego Laynes (São Vicente, 1 de junho de 1560). In: LEITE, Serafim (Org.). **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil (1558 – 1563)**. Coimbra: Tipografia de Atlântida, 1958, p. 246-269.

ASSUNÇÃO, Paulo de. **Negócios Jesuíticos: o cotidiano da administração dos bens divinos**. São Paulo: EdUSP, 2009.

BLOM, Philipp. **Ter e mater: uma história íntima de colecionadores e coleções**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

CARDIM, Fernão. **Tratados da Terra e Gente do Brasil (1580)**. Ana Maria de Azevedo (ed. lit). – Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1997.

COSTA, Affonso da. **Árvore da Vida dilatada em vistosos e salutíferos ramos ornados de muitas aprasíveis e saudáveis folhas em que se deixão ver muitos e singulares remedios assim simplicis como compostos, que a Arte, a experiencia, industria e a curiosidade descobrio para curar com facilidade quase todas as doenças e queixas a que o corpo humano está sujeito principalmente em terras distituidas de Medicos e Boticas**. 1720. Wellcome Institute for the History of Medicine, Londres.

Colecção de várias receitas e segredos particulares da nossa Companhia de Portugal, da Índia, de Macau e do Brasil. Compostas e experimentadas pelos melhores médicos e boticários mais celebres que tem havido nestas Partes. Aumentada com alguns índices e notícias muito curiosas e necessárias para a boa direção e acerto contra as enfermidades. Roma, MDCCLXVI. 1766. Archivum Romanum Societatis Iesu, Roma.

DANIEL, João. **Tesouro descoberto no Máximo Rio Amazonas**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

GUINOTE, Paulo. **Ascensão e Declínio da Carreira da Índia**. Nautical Archaeology Program: Texas A&M University, 2003. Disponível em <http://nautarch.tamu.edu/shiplab/> Acesso em 22/01/2021.

KURY, Lorelay Brilhante, CAMENIZKI, Carlos Ziller. Ordem e natureza: coleções e cultura científica na Europa Moderna. **Anais do Museu Histórico Nacional**, Rio de Janeiro, v. 29, p. 57-85, 1997.

LAPA, José Roberto do Amaral. **A Bahia e a Carreira da Índia**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.

LEITE, Serafim. **Artes e Ofícios dos Jesuítas no Brasil (1549 – 1760)**. Lisboa: Brotéria, 1953.

LEITE, Serafim. Os jesuítas no Brasil e a medicina. **Revista Petrus Nonius**, Lisboa, separata nº 1, 1956.

MAAR, Juergen Heinrich. **Pequena História da Química**. Florianópolis: Papa Livro, 1999.

MAIA, Patrícia Albano. **Práticas terapêuticas jesuíticas no Império colonial português: medicamentos e boticas no século XVIII**. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, 2012.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

MONTEIRO, Jácome. Relação da província do Brasil (1610). In LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1949. v. VIII.

MONTENEGRO, Pedro de. **Materia medica misioneira**. 1710 (manuscrito). 1790.

MONTENEGRO, Pedro de. **Materia medica misioneira**. Buenos Aires: Imprenta de la Biblioteca Nacional, 1945.

NÓBREGA, Manoel da. **Cartas do Brasil, 1549-1560**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

RAFFAINI, Patrícia. Museu Contemporâneo e os Gabinetes de Curiosidades. **Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, v. 3, p. 159-164, 1993.

SOARES, Francisco. De Algumas Cousas mais Notaveis do Brasil e de Alguns Costumes dos Índios. In: **O Reconhecimento do Brasil**. Dir. de Luís de Albuquerque. Lisboa: Publicações Alfa, 1989.